

A origem da Pinhata

A Pinhata, também conhecida como Pichorra, é uma tradição da Península Ibérica que se espalhou pelos países de língua espanhola. Mas pensa-se que tenham sido talvez os chineses os primeiros a usar algo parecido com a Pinhata, como forma de celebração do Ano Novo e que marcava também o início da primavera. Isto porque, no século XIII, o navegador italiano Marco Polo trouxe consigo uma Pinhata ao voltar da China para Itália. Os chineses criavam formas de vacas, touros e búfalos revestidas de papel colorido e cheias de cinco tipos de sementes e usavam bastões coloridos para as partir. O papel decorativo que as cobria era depois queimado e as cinzas eram guardadas para dar boa sorte ao novo ano.

Foi em Itália que a Pinhata adquiriu então o seu nome atual, oriunda da palavra italiana *pignatta* (que significa **pote de barro frágil**), e passou a ser enchida com quinquilharias, jóias ou doces, em vez de sementes, na altura da primavera. A tradição espalhou-se depois para a Espanha, onde partir a Pinhata se tornou um hábito espanhol no primeiro domingo da Quaresma.

No início do século XVI, os missionários espanhóis levaram a Pinhata para o México. Mas ficaram muito surpreendidos ao descobrirem que os nativos do México já tinham uma tradição muito parecida. Os Astecas comemoravam o aniversário do seu Deus do Sol e da Guerra, chamado *Huitzilopochtli*, colocando um cântaro de barro, enfeitado com penas e cheio de pequenos tesouros, num poste no seu templo no fim do ano. Depois partiam-no com um bastão e os tesouros que caíam eram oferecidos ao seu Deus. Os Maias também tinham um cerimonial semelhante em que participantes de olhos vendados batiam num cântaro de barro suspenso por uma corda. Os missionários espanhóis continuaram a usar a Pinhata para simbolizar, entre outras coisas, a luta do cristão para derrotar o Diabo e o pecado e estas passaram a ser partidas durante o tempo do Advento nas “**Fiestas de las Posadas**”. A Pinhata tradicional era um cântaro de barro revestido de papel colorido e em forma de estrela com sete pontas enfeitadas, que simbolizavam os sete pecados capitais. Com o passar dos anos, a Pinhata perdeu o sentido religioso e passou a marcar presença em todas as ocasiões festivas. De facto, as Pinhatas tornaram-se tão tradicionalmente mexicanas que o México até as exporta para outros países. Em Cuba, a Pinhata não é destruída com um pau, pois na parte inferior são afixadas cordas e, assim que um adulto dá sinal, as crianças em simultâneo puxam de uma corda cada uma e descola-se a base da Pinhata, da qual saem doces, caramelos, *confettis* e pequenos brinquedos.

Em Portugal, a Pinhata tem vindo a entrar na vida infantil, especialmente como enfeite decorativo e brincadeira em festas de aniversário. São recheadas de guloseimas, mas também há quem lhes acrescente pequenos brinquedos. Depois de cantarem os parabéns e degustarem o bolo, as crianças procedem “*ao partir da Pinhata*” com um pequeno pau decorado ou puxando as cordas. É um verdadeiro delírio! E foi o que aconteceu com a nossa fofinha “Pinhata Mochinha” no recreio da escola, no Dia Mundial da Criança. Ela não ficou destruída pois puxámos as cordas.